O GLOBO
Publicado em 09/06/2024 - 05:57

PCC já atua em 24 países e envia drogas aos cinco continentes

TEM QUE LER MULTINACIONAL DO TRÁFICO

ALINE RIBEIRO, RAFAEL GARCIA E FERNANDA FREITAS
Editores
aline@oglobo.com.br
rafael@oglobo.com.br

Era dia de folga, e os dois investigadores da Polícia Civil voltavam desarmados de uma partida de futebol quando cruzaram com um Chrysler Stratus de cor vinho na Marginal Pinheiros, em São Paulo. O carro, incomum à época, era o menos dois octo de um dos criminosos do momento: Marcos William Herbas Camacho, o Marcola, que em pouco tempo passou de batedor de carteira no bairro central do Glicério, onde nasceu, para um dos maiores assaltantes de bancos do país. O medã encostou diante de um telefone público e dele desceu um homem alto e barrigudo. Como os policiais só tinham visto Marcola por fotografias, não o reconheceram de pronto, mas o nariz avantajado acendeu um alerta. Ao ver a cena, o motorista do veículo deu fuga, e deixou o companheiro ali, à mercê dos agentes.

— Eles pegaram o Marcola no dia da eleição (a última até hoje. Fatama casualidade, calhou de descontlarem — lembra o procurador de Justiça Márcio Sérgio Christino, autor de "Laços de sangue, a história secreta do PCC".

Preso desde junho de 1999, Marcola é considerado a autoridade máxima da facção paulista Primeiro Comando da Capital (PCC), presente hoje em todo o Brasil e na América Latina, além de nos Estados Unidos e em parte da Europa e do Oriente Médio, segundo o Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público paulista. Com cerca de 42 mil integrantes devidamente batizados, a organização baseia seus membros em pelo menos 24 países, com tentáculos que, se considerada a distribuição de droga para intermediários, alcançam cinco continentes.

Atualmente, o PCC soma o dobro de membros fora de São Paulo, onde foi fundado há mais de trés décadas, além de mais de mil representantes no exterior, que estreitam laços com grupos rivais como os (Ndrangheta, da Calábria, na Itália. O faturamento estimado em no mínimo US$ 1 bilhão ao ano vem, na maior parte, justamente do tráfico internacional de entorpecentes, que já responde por 80% do lucro da facção, cujo surgimento, ascensão e expansão além-fronteiras serão tema de uma série especial em três capítulos, que começa a ser publicada hoje no GLOBO.

O PCC foi formado em 31 de agosto de 1993, na Casa de Custódia de Taubaté, conhecida como Piranhão, com o discurso de combater a opressão no sistema prisional e evitar novos massacres como o do Carandiru, ocorrido um ano antes. Teve entre os oito idealizadores Misael Aparecido da Silva, criador do primeiro estatuto da organização; Idemir Carlos Ambrósio, o Sombra, seu primeiro chefe; César Augusto Roriz da Silva, o Cesinha, cuja animatureza a decapitação de rivais; e José Márcio Felício, o Geleião, inventor da sigla PCC. Marcola, que mais tarde tomaria o controle do grupo, não estava entre os fundadores.

Um jogo de futebol entre o "Comando Capital", detentos de cidades do interior, e o "Comando da Capital", presos do município de São Paulo, teria sido a origem da facção. Depois de uma briga entre os times, com mortes e feridos, os rivais teriam um acordo de — gente jogo sem medo de ser feliz — e passaram a viver ocultos até que seus membros começassem a ser transferidos para outras cadeias paulistas e passaram a recrutar milhares de integrantes.

O pretexto para a fundação dessa espécie de sindicato para combater supostos abusos do Estado foi o Massacre do Carandiru, mundialmente conhecido como a maior chacina de presos da história do país, com 111 mortos — episódio que consta, inclusive, no estatuto original da quadrilha. Um dia antes da eleição de 1992, para conter uma briga de facção e o cerre-corre de presos na Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru, policiais militares de batalhões especiais, que pouco conheciam a disposição das celas, entraram fortemente armados no pavilhão sem energia elétrica e soltaram os cachorros em cima da massa. Uma testemunha narraria que os PMs se agrosinaram batendo em seus escudos e gritando: "A noite chegou, a morte chegou".

Naquele tempo, facções estruturadas como as atuais não existiam, apenas grupos isolados que dominavam regiões da cidade. Há 35 anos voluntário no sistema prisional paulista, o médico Drauzio Varella havia acabado de deixar o Carandiru quando a cadeia "virou". Ele diz que os presídios eram "uma panela de pressão", sempre prestes a explodir, mas que desaverças de ideiro eram comuns à época e passíveis de serem contidas.

— O que se fazia para controlar? Trancava-se a cadeia, cortava-se a água, a luz e as refeições, e deixava-se os presos lá a noite. Eles faziam bagunça e, no dia seguinte, viam-se mortos, os caras que tinham um acordo de — gente jogo sem medo de ser feliz — e que se opunham se escondiam até que seus membros começassem a ser transferidos para outras cadeias paulistas e passaram a recrutar milhares de integrantes.

PCC: DA ORIGEM NA CADEIA AO CRIME TIPO EXPORTAÇÃO

Série especial do GLOBO mostra como a maior facção do país, surgida na esteira do Massacre do Carandiru, se transformou em uma máfia global que atua em cinco continentes e soma 42 mil membros em 24 países, firmando parcerias com algumas das principais quadrilhas do mundo

A TRAMA DA COCAÍNA

CONEXÃO - SANTOS

Para entender a escalada que tornou o maior porto do Brasil

Quantidade apreendida no saída (kg): 2.000 4.000 Trajetória: Rota direta Conexão

Fonte: UNODC, World Drug Report 2023 e Receita Federal

CRITÉRIO DE ARTE

Internacionalização. Preso desde 1999, Marcola é considerado a autoridade máxima do PCC, presente hoje em todo o Brasil e na América Latina, além dos EUA e de parte da Europa e do Oriente Médio

ARTE DE MARCO MARINHO

US$ 1 bilhão FATURAMENTO DO PCC POR ANO

20% vem da venda de drogas diretamente ao varejo

80% vem do tráfico internacional para a Europa

42 mil INTEGRANTES NA INIÇÃO

13 mil membros no estado de São Paulo, berço da facção

27,4 mil membros no Brasil, fora de São Paulo

1,6 mil integrantes em outros países

EXPANSÃO INTERNACIONAL

PCC tem ainda de 1,6 mil membros batizados em outros 23 países, boa parte na América do Sul

1 Venezuela	627	1 Espanha	19	1 Equador	1	1 Guiana Francesa	1
2 Paraguai	528	2 Chile	12	1 Inglaterra	1	1 Líbano	1
3 Uruguai	138	3 Colômbia	8	1 México	1	1 Síria	1
4 Bolívia	70	4 EUA	7	1 Suécia	1	1 Ucrânia	1
5 Guiana	51	5 França	5	1 Suíça	1		
6 Portugal	42	6 Itália	3				
7 Argentina	28	6 Holanda	2				
8 Suriname	28	6 Peru	2				

Fontes: Linco do Gaeco, e do Gaeco, foi determinante para o surgimento e a expansão da maior organização criminosa do Brasil.

Há 20 anos no combate à facção, Gakiya já foi alvo de mais de um plano de execução por parte do PCC.

— Sem sombra de dúvidas, houve a omissão do governo estadual aqui de São Paulo por décadas. Primeiro porque negligenciou o sistema prisional, com as mais condições de cumprimento de pena, penitenciárias lotadas, o episódio do Carandiru... Mas principalmente por ter negado a existência da facção por quase uma década.

Se, antes, o mote do grupo era, supostamente, a ajuda aos presos e seus familiares, financiando advogados e viagens de ônibus para as visitas às cadeias no interior, não demorou para que o cenário mudasse. O foco no faturamento com atividades criminosas variadas coincide com a ascensão no início dos anos 2000 de Marcola, que apostou as fichas no que viria a se tornar a principal fonte de renda do bando: o tráfico de drogas.

A jogada rendeu frutos e, nas últimas duas décadas, o PCC não apenas reforçou a hegemonia nos presídios paulistas como também expandiu seus braços para todo o território nacional, controlando em múltiplos pontos a venda de entorpecentes. Mais recentemente, na última e mais ambiciosa investida foi fincar raízes na Europa e estruturar o tráfico para fora do Brasil. O alcance internacional chamou a atenção do governo americano. Em 2021, o PCC foi incluído em uma lista de bloqueios da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros (OFAC, na sigla em inglês), instituição do Departamento de Tesouro dos Estados Unidos.

A história da interna ascensão da facção coteja com seu alcance cada vez mais global. Ela se consolida de que drogas e mais perto do Brasil. Em meados dos anos 2000, a organização ainda não era hegemônica na região e disputava alguns pontos de venda de drogas com Rosalvo Barrett, o Nadinho. Preso em 2005 e libertado em 2009, ele desaparecer por mais a mais foi visto. O sumiço, informalmente atribuído ao PCC, abriu definitivamente espaço para o grupo controlar o varejo do tráfico no litoral paulista.

— OPCC já tinha contatos com pessoas de porte: estivadores, operadores de scanner e outros trabalhadores, que eventualmente mostravam as comissãdas em que eles trabalcavam — diz Gabriel Pavitera, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEVUSP).

Patriota destaca que a entrada da facção no ramo do atacado só se consolidou na década seguinte. Embora há tempos os navios que saíam de Santos fossem usados no tráfico internacional de cocaína, a chegada do PCC profissionalizou o esquema.

Até então, marinheiros recrutados por traficantes em bares e estabelecimentos na orla eram cooptados para levar droga na bagagem pessoal ou em sacolas de compra, um improviso que permitia levar quantidades não maiores do que 30kg. O PCC consolidou o transporte da droga dentro dos contêineres de carga, fazendo com que a escala do tráfico em Santos deixasse de ser marginal em dezenas de quilos e passasse às centenas, com apreensões de mais de uma tonelada.

Para Patriota, o PCC soube aproveitar uma oportunidade que Nadinho não tinha estrutura para bancar. Quadrilhas como os grupos especializados da Itália já viam Santos como uma rota promissora para obter cocaína sul-americana, mas faltava encontrar o parceiro ideal. Segundo a criminologista italiana Anna Sergi, professora da Universidade de Essex (Inglaterra), o contato com a organização brasileira não foi só uma questão de oportunismo. Os traficantes europeus sabiam que o PCC tinha capacidade de operar nos portos porque, essencialmente, também buscava como uma máfia.

— Essa palavra tem um significado muito específico. Ela define grupos que por meios ilegais e violentos buscam ganhar poder e governança extraterritorial — afirma Sergi.

Em paralelo à expansão internacional, o grupo buscou a fachada de atividades lícitas, inclusive de prestação de serviços públicos, para dar ver o dinheiro proveniente das atividades criminosas — mais uma prática comum às máfias. Em abril, o Ministério Público paulista denunciou sete da facção como o Estado em cidades de São Paulo, estabelecido há quase uma década. Entre outras metodos, a facção usava duas das maiores empresas de ônibus da capital para transferir de ilegalidade a renda obtida com o tráfico de drogas. O PCC, como operam diferentes investigações, está entrando no mercado formal, na política e até no Judiciário.

— O processo de expansão do PCC segue cada vez mais potente, com muito mais dinheiro envolvido, com a mesma ideologia antissistema bastante viva. Nos últimos anos, houve uma ampliação gigantesca de capacidade de operação, sobretudo nos mercados transnacionais, como ocorre na fronte, mas também ouro, armas todos os tipos de lavagem de dinheiro — enumera Gabriel Feltran, pesquisador em sociologia do crime no Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França (CNRS) e autor de "Irmãos: uma história do PCC".

O primeiro método que o PCC usou para despachar cocaina em grandes quantidades para a esterior é chamado de rip-off. A estratégia consiste em arrombar contêineres e recrutar pessoas carregando grandes quantidades da droga em mochilas para despejá-la rapidamente no compartimento, que é fechado com um lacre clonado para passar desapercebido pela alfândega. Na Europa, os parceiros internacionais do PCC conseguiam resgatar a droga no porto de destino.

De lá para cá, para despistar a fiscalização, a operação foi aperfeiçoada com diferentes estratégias, como a ocultação da droga entre sacas de grãos, o emprego de veleiros e até a contratação de mergulhadores profissionais, que ocultam a carga no casco de navios. O mergulho em portos é perigoso especialmente em lugares como Santos, onde a água é muito turva. Em 2022, um mergulhador recrutado pelo PCC morreu no porto de Newcastle (Austrália) ao mergulhar para tentar recuperar uma carga de cocaína. O incidente despertou autoridades para também para a entrada da facção na rota Ásia/Pacífico, que paga mais pela cocaína no varejo.

A diversificação das modalidades de drogas ilícitas e drogas é apoiado e cooperuma das possíveis causas para a queda nas apreensões de cocaína em Santos desde 2019, quando o índice atingiu um pico após a Receita Federal tornar obrigatório o escaneamento por raio-X de qualquer carga destinada à Europa. Outra hipótese é que a cocaína esteja saindo mais de outros portos, como Paranaguá (PR), Salvador (BA) e Belém (PA).

— Em vistas apreendeu recentemente outros portos, percebemos, inclusive, o envolvimento de criminosos da Batuca (Santista) — destaca Daniel Cesaça, chefe da Delegacia de Santos da PF.

A droga remetida pelo PCC segue para dezenas de portos diferentes, mas alguns com mais frequência, como Le Havre (França), Hamburgo (Alemanha), Roterdã (Holanda) e, sobretudo, Antuérpia (Bélgica). São vários os elementos que contribuíram para a maior facção brasileira conquistar mercados internacionais, segundo os especialistas, e um deles foi a capacidade de criar uma marca. A sigla PCC, frisa Anna Sergi, é hoje quase tão conhecida pelos criminosos gringas quanto nomes dos cartéis mexicanos e colombianos históricos, atualmente mais fragmentados.

Outro fator é a reputação de eficiência que o grupo conseguiu a construir. Empregando menos violência e mais organização, o PCC ganhou a confiança de gângsteres mundiais, que não podem recorrer à Justiça quando um negócio dá errado. Esse processo, que inclui formas mais elaboradas de lavar dinheiro, também foi parte da evolução de outras quadrilhas pelo mundo.

— Grupos italianos, como a 'Ndrangheta e a Cosa Nostra (máfia siciliana), passaram por essa transformação. Reduziram a violência e emergiram mais profissionais, atuando em crimes de colarinho branco e outros mais tradicionais, como extorsão — explica Sergi.

CAPÍTULO 2

Atuando do Paraguai e, igual ao crime, a facção fluminense Comando Vermelho, que foi disparar as metas violentas na Brasil

CAPÍTULO 3

A disputa interna que armeaça o comando de Marcola e pode representar o fim de uma era em maior organização criminosa do país

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil **Pagina:** 16-17

Copyright © Clipclap 2026.